



Vírus completa cem anos e continua a fazer das suas

* Oswaldo Lacreta

Mayer, em 1886, na Holanda, designou mosaico do tabaco, doença dessa planta, caracterizada por manchas verdes nas folhas. Mostrou a contagiosidade ao transmiti-la a outras plantas saudáveis após inocular-lhes a seiva por meio de tubos capilares. Verificou o fato importantíssimo de o suco não ter poder de contaminação após filtrá-lo e concluiu, erroneamente, ser enfermidade provocada por bactérias.

O botânico russo Iwanowski, em 1892, chamou a atenção para o fato de que o extrato da planta afetada, embora filtrado, transmitia a doença. Ora, não havendo encontrado nem cogumelo nem parasitas — os dois únicos agentes conhecidos na época capazes de infectar plantas —, deduziu, de modo genial, ser o princípio infeccioso da seiva **pequeníssimas bactérias**.

Loeffler e Frosch constataram, em 1898, que a linfa das vesículas situadas na pata e na boca de bovinos, suínos e ovinos, apesar de filtrada e injetada em animais saudáveis, reproduzia as vesículas.

Sanarelli, na Itália, no mesmo ano, conseguiu transmitir o mixoma de coelho para coelho. Desde então, denominaram-se **vírus filtráveis** ou simplesmente **vírus** agentes patogênicos tão pequenos, invisíveis nos microscópios e com a virtude de passarem por velas de Chamberland. O vocábulo vem do latim **virus**, veneno, que, por sua vez, originou-se do sânscrito **visha** de idêntico significado. Pode escrever-se **virus** ou **viro** e as doenças deles oriundas são **viruosas** e não **virosas**. Virose, em rigor, é doença do homem.

De então a esta parte, seguiram-se numerosas publicações sobre o assunto por mi-

crobiologistas, que se transformaram pouco a pouco em virologistas.

Em 1989, Blasi e Russo-Travali passaram a raiva através de uma geração de animais após filtração e consideraram o procedimento de natureza tóxica. Reed e Carroll, em 1902, não só ratificaram o postulado de Finlay (1901) de ser a febre amarela transmitida por mosquitos, mas também provaram a natureza viruótica. Foi o primeiro viro assinalado no homem. Remlinger (1903) apurou a origem viruótica da raiva após notar que finíssimas emulsões de tecido nervoso de animais doentes franqueavam os filtros Berkefeld (Wilhelm Berkefeld, 1836-1897).

Ao iniciar-se o século XX desvendaram-se as seguintes viruosas: Molusco Contagioso (1905), M. Juliusberg; Varíola da Vaca (1905), A. Negri; Veruga Vulgar (1906), C. Ciuffo; Dengue (1906), P.M. Ashburn e C.F. Graig; Febre Pappataci (1906), R. Doerr; Varíola Humana (1908), C. Casagrandi; Ultravírus da Tuberculose (1909), A.C. Fontes; Poliomielite (1909), F. Landssteiner e E. Levaditi; Sarampo (1911), A. Anderson e J. Goldberg; Bacteriófago (1915), F.W. Twort e F.D. Herelle (1917).

Merecem relevo especial as constatações de Loeffler e Frosch e a de Sanarelli. Os primeiros por individuarem viro nos animais e o segundo por lançar as bases do conceito de **Viro Oncogênico**. Esta revelação foi ratificada por Ellermann e Bang (1908) ao transmitirem a forma eritoblástica da leucemia das galinhas e por Roux (1911) ao enxertar, em galinhas, o primeiro tumor sólido, que lhe valeu o prêmio Nobel de Medicina de 1966.

Por questão de espaço, não podemos esmiuçar toda crono-

logia dos vírus sucessivamente dados à estampa. As pesquisas sobre o tema multiplicaram-se, voltadas sobretudo para a arquitetura, a composição físico-química, a fisiopatologia, a cultura, a epidemiologia, a vacina e a classificação.

Os avanços na construção de microscópios mais potentes, a descoberta do microscópio eletrônico e a difração dos Raios X muito contribuíram para o progresso da virologia. E. Ruska revelou, em 1933, o microscópio eletrônico, que permitiu mostrar a fina estrutura dos vírus. E. Ruska, de parceria com B. Von Bornies e H. Ruska apresentaram, em 1938, fotografias muito nítidas do viro da ectromelia do rato, o da varíola e o do mixoma do coelho.

Conforme consta do "International Dictionary of Medicine at the Biology", computaram-se até 1986 perto de 454 vírus! Vários já foram domados por vacinas, enquanto outros prosseguem a tarefa de destruir homens e animais.

A febre amarela, em certas regiões da África e da América, permanece ativa. O dengue hemorrágico está aparecendo no Caribe e no Brasil e atingiu o Sul dos EUA. Uma febre hemorrágica, motivada por arenavírus, acomete a Venezuela e a febre do Vale do Rift, endêmica na África do Leste e do Sul, alcançou a Maurtânia.

Milhares de focos do Mar do Norte e do Lago Baikal perecem em conseqüência de epidemia devida a um morbilivírus. Coelhos selvagens sucumbem de febre hemorrágica, possivelmente de fundo viruótico.

Crossart, em 1975, descobriu o parvovírus B19. Em 1983, Anderson provou ser ele agente do eritema infeccioso ou 5.ª moléstia, descrita há quase cem anos. Apurou-se, em grávidas portadoras dessa infecção, ser ela causa da eritoblastose não imune no concepto, podendo matá-lo.

Em 1981, R. Gallo, nos EUA, e L. Montaigner, na França, divisaram um retroviro, o da imunodeficiência humana (VIH), que se revelou altamente patogênico e que mudou o mundo. Ele ocasionou pandemia incontrolável, que vem desafiando a argúcia dos pesquisadores de todo o mundo. O viro é mortal em 100% dos casos. Registrou a OMS até abril de 1992, 484 148 casos de SIDA no mundo. São casos notificados, mas na realidade seriam 700 mil aproximadamente. A retrovirose infelizmente espalha-se rápido e a mesma organização prevê, para o ano 2000, dez milhões de pessoas contaminadas que poderão atingir quinze a vinte milhões! Como o viro atravessa a placenta e contamina o feto, teremos para o ano 2 000 milhares de crianças vitimadas que morrerão antes de chegar à adolescência se não conseguirmos sua cura. Hoje, na França, de cada três mortes uma é por viro da imunodeficiência humana!

Dimitri Iosifowitch Iwanowski, estudante pobre, nasceu em 1864, em São Petersburgo, na época capital da Rússia. Esforçado e inteligente, despertou a atenção do professor de Botânica A.S. Faminstin. Este o enviou, em 1887, com V.V. Polotsev, à Ucrânia e à Bessarábia, a fim de estudar doença que dizimava as plantações de tabaco, uma solanácea. Os resultados dessa viagem já relatamos.

Iwanowski teve carreira universitária brilhante. Foi nomeado professor associado da Universidade de Varsóvia, em 1901, e depois professor de Fisiologia Vegetal. Permaneceu ali até 1915, quando, em decorrência da guerra de 1914, a Universidade teve que se mudar precipitadamente para Rostov, às margens do Rio Don. Foi nesta cidade que faleceu, em 1920, pobre como antes, aos 56 anos de idade.

Oswaldo Lacreta é professor associado da Faculdade de Medicina da USP.

Recordações no Jubileu da

(1942)

* Jorge Michalany

A Turma de 1942, além de pequena, 49 alunos, foi a primeira a iniciar o curso médico no edifício da rua Botucatu. Até então, as matérias iniciais eram ministradas no edifício que inaugurou a Escola Paulista de Medicina na rua Cel. Oscar Porto, esquina com a rua Abílio Soares, onde havia funcionado um ginásio. Mas o nosso Curso Pré-médico e o exame vestibular deu-se exatamente na rua Cel. Oscar Porto. Esse curso foi proveitoso porque tínhamos professores de alto nível, entre eles, o de Física, Lauro Cruz, fundador da Escola, e a professora de inglês, srta Briquet.

Ao iniciarem-se as aulas já sofremos o tradicional trote: cabelo raspado, desfile em cuecas e frases às vezes inconvenientes pintadas em nossos corpos seminus. Além de outras brincadeiras, colocaramos em fila para, pulando com um pé só e cantando a marcha camavalesca "Mamãe eu quero mamãe", dar uma "mamada" nos "peitos" do gordo e avantajado colega Ezio Weingrill. Alguns calouros por protestarem contra certas brincadeiras tiveram seus castigos. O colega Mario Pasqualucci foi obrigado a entrar numa carrocinha de cachorros, que por lá passava, e ficar certo tempo "latindo". Não aceitando a inscrição do número 24 em meu peito pelo veterano Waldomiro Jafet, não tive dúvidas em derramar a lata de tinta em seu termo de linho branco 120. Houve briga, mas outros veteranos concordaram que o "esquentadinho" Michalany tinha razão.

1.ª série

Nossas primeiras aulas foram de Anatomia Descritiva e Histologia, as únicas matérias do primeiro ano. O catedrático de Anatomia, prof. João Moreira da Rocha, além de extremamente rigoroso, era sarcástico com os alunos e vigiava os brincalhões durante as aulas práticas, espiando-os pelas janelas. O resultado do primeiro exame foi decepcionante: a média das notas foi 4 e vários colegas já partiram direto para a segunda época.

Além do rigor do prof. Rocha, tínhamos que agüentar as impertinências do assistente da cadeira, Mário Fonzari, da 1.ª Turma da EPM, e as ironias e perguntas sobre as letrinhas miúdas do Testut feitas pelos monitores, Octavio Della Serra (Serrão), Renato Trivella e Cyro Doria.

O catedrático de Histologia e Embriologia era o prof. André Dreyfus, aliás o primeiro geneticista do Brasil, que nos deu algumas aulas de Embriologia. Mas o curso foi quase todo ministrado pelo seu assistente, prof. Edgard Barrozo

do Amaral, um "carioca" competente mas gozador ao extremo. Era auxiliado nas aulas práticas pelo médico da 1.ª Turma da Escola, José de Paula e Silva, um chato, apelidado Zé B.

2.ª série

Nesta série aumentou o número de matérias: Anatomia Topográfica, Fisiologia, Química Biológica e Física Médica. O Curso de Anatomia Topográfica não diferiu daquele de Anatomia Descritiva, bom aproveitamento, sobretudo por causa da dedicação e rigor do professor Rocha e dos monitores. Infelizmente, o aproveitamento em nenhuma das outras cadeiras foi dos melhores. O então catedrático de Fisiologia, Thales Martins, ilustre endocrinologista, saíra da Escola. Substituiu-o interinamente um clínico, prof. José Barbosa Corrêa, que nos impingiu, durante muito tempo, só eletrocardiografia. Na Bioquímica, o prof. Dorival Cardozo interessava-se por vitaminas, sobretudo pelas doses, e nas provas orais dava as notas em números da língua árabe, o que nos impedia de avaliar o resultado. Na cadeira de Física Médica, a cargo do prof. Lauro Cruz, o aproveitamento foi melhor, principalmente na parte ministrada pelo dr. Aristóteles Orsini, exceção feita às confusões do outro assistente, apelidado "Ary Carabina". Havia também a colaboração do aluno e funcionário Adoniro Cestari, admirado por nós todos.

3.ª série

O curso de Patologia Geral tinha como catedrático o prof. Marcos Lindenberg, apelidado "Malaio" por causa dos males salientes e da cor amorenada. Embora culto e com dotes artísticos, era extremamente complicado nas aulas teóricas, sobretudo de inflamação, tanto que, talvez ciente de sua insuficiência didática, repetia a toda hora com seu sotaque fluminense: "Não sei se me faço compreender..." O valor do curso foi compensado pela dedicação nas aulas práticas do dr. João Marques de Castro, grande apreciador da música erudita e da ópera.

Na cátedra de parasitologia tivemos um ilustre cientista, Flávio da Fonseca, fumante inveterado, pois consumia cinco maços de cigarros ao dia. Dizia ser escravo do cigarro, mas não das marcas, pois as variava a todo instante. As aulas práticas estavam a cargo do assistente Tuffy, que além de nos obrigar a reconhecer os mínimos por menores dos insetos, nos prendia às vezes até às 9 horas da noite. As dúvidas tirávamos com o técnico da cadeira, Mário Nogueira, homem de excepcional bondade.

Outra cadeira de curso eficiente foi a de Microbiologia, regida pelo professor Otto Bier, extremamen-

te rigoroso no problema da sistemática das bactérias. A parte prática esteve a cargo do dr. Nelson Planet, competente, mas um tanto gozador com os alunos, e do dr. Eichbaum, um judeu alemão refugiado, que em vez de pipeta e proveta, falava "pipéts" e "provéts", motivo de caçada da turma.

O curso de Farmacologia, ministrado pelo prof. José Ribeiro do Valle, foi regular, sendo assistido pelo dr. Ananias Porto, outro médico da 1.ª Turma da Escola. Pelo fato de Ribeiro do Valle enrolar os R quando falava, passamos a imitá-lo.

4.ª série

Esta série, cursada no ano de 1940, foi das melhores que tivemos, pois entramos pela primeira vez em contato direto com o doente, vivo ou morto, e passamos a frequentar as enfermarias. Compreendia as cadeiras de Anatomia Propedéutica, Clínica Propedéutica Médica, Clínica Propedéutica Cirúrgica, Dermatologia, Técnica Cirúrgica e regidas por catedráticos quase todos de escol, respectivamente: Walter Büngeler, Jairo de Almeida Ramos, Alípio Corrêa Neto, Nicolau Rossetti e José Maria de Freitas.

Büngeler, professor contratado da Alemanha, iniciou o curso de Anatomia Patológica com uma aula de inflamação que nos deixou boquiabertos pela clareza em contraste com aquela extremamente confusa dada na Patologia Geral. As provas práticas de Histopatologia eram feitas na própria sala de Büngeler e ele não permitia a entrada dos alunos que não estivessem barbeados. Além das aulas, assistíamos todas as segundas feiras suas famosas demonstrações anatomopatológicas (anatomoclínicas) e, às vezes, autópsias realizadas por ele ou por seus assistentes Fernando Alayon e Decio Fleury da Silveira, este também médico da 1.ª Turma da Escola. O técnico das autópsias era o David Soares, um negro muito educado, mas malandro como ele só, que vendia esqueletos.

Jairo Ramos, catedrático da Clínica Propedéutica Médica e um dos melhores professores, além de dar excelentes aulas teóricas, nos acompanhava nas aulas práticas a cargo de seus competentes assistentes José Ramos Jr. (vulgo Zé Berruga) e Reynaldo Marcondes. Pelo fato de Jairo ser um tanto ríspido era apelidado "Cavalo", mas nossa turma, achando que a palavra era inconveniente, substituiu-a por "sócio, atleta do Jockey Club", o que vem dar na mesma. Alípio, grande cirurgião, de fala mole e mansa como bom mineiro, preocupava-se com o megaesôfago, e o aparelho usado para dilatar o órgão ficou conhecido como

"guarda chuva do Alípio". Era auxiliado por três assistentes: Ary Silveira, o "Mamangava", Feres Neme e Francisco Cerrutti, que depois desistiu da cirurgia para ser obstetra.

Rossetti era um entusiasta da Dermatologia. Durante as aulas franzia a testa a todo instante de modo a movimentar suas espessas sobrancelhas. Os assistentes infelizmente não tinham a didática de Rossetti, o que nos permitia fazer às vezes algum alvoroço nas aulas. O dr. Grieco era apelidado de "A Pele" e o dr. Mendes de Castro passou a ser chamado de "Leishmaniose", por ser esse seu assunto predileto. Além das aulas regulares na Escola, frequentávamos o ambulatório na rua da Glória, aonde acorriam muitos sífilíticos para tratamento.

Cadeira um tanto decepcionante foi a de Técnica Cirúrgica, seja pela didática confusa do Freitas, seja pela falta de material para as aulas práticas. A confusão de Freitas caracterizava-se pela troca dos nomes anatômicos, sobretudo vasos, dizendo com sua voz grave e destonada "a veia porta, digo a artéria hepática" e assim por diante.

5.ª série

Destaca-se nesta série a cadeira de Moléstias Infecciosas e Parasitárias, regida pelo prof. Pereira Barreto, diretor do então Hospital do Isolamento, onde tínhamos belas aulas práticas no leito do doente. Foi o nosso melhor professor, pois era extremamente atencioso para com os alunos e, embora falasse um português impecável, tinha o hábito de repetir a todo o instante "Não é isso mesmo?"

Outra matéria proveitosa foi a de Neurologia, ministrada pelo prof. Paulino Longo e seus competentes assistentes, Paulo Pinto Pupo, Octávio Lemmi e Dante Giorgi.

O curso de Terapêutica Clínica, a cargo do prof. Felício Cintra do Prado, foi realizado na Policlínica de São Paulo, nas imediações da Praça da Sé. Felício tinha uma didática excelente e graças a ele aprendemos a arte de formular. Usava um bigode tão bem dividido pelo sulco labial que parecia ter dois "godes", um esquerdo e outro direito, o que lhe valeu o apelido de "D' Artagnan".

Além dessas cadeiras especializadas, cursamos a Clínica Cirúrgica, dirigida por outro conhecido cirurgião, Bernardes de Oliveira, que fazia as demonstrações operatórias na Casa de Saúde Esperança, no Morro dos Ingleses. Seu assistente, Plínio Garcia, apelidado "Plínio Bombeiro", preocupava-se com a rapidez do ato cirúrgico.

Octávio de Carvalho, fundador da Escola, não era assíduo na cátedra da 1.ª Clínica Médica, pois naquela ocasião clinicava no Rio

de Janeiro. Clamava que o ritmo diferencial das úlceras gastroduodenais fora estabelecido por ele e não pelo cirurgião inglês Moynihan e que o tratamento clínico feito à base de glicose e vitamina B1 era superior ao cirúrgico. Seu assistente Armando Marques era um tanto tímido, mas sabia ensinar. Havia também o dr. Heribaldo Lovato, formado na 1.ª Turma da EPM.

O catedrático de Urologia, Rodolpho de Freitas, apelidado "Rodolfão" por causa de sua estatura, tinha a mania de aspirar o nariz chupar pastilhas de biolaimo e colocar seu precioso relógio Patek-Philippe e um copo d'água na mesa. Pelo fato de falar francês fluentemente, era admirado pelas freiras do Hospital São Paulo. Tinha como assistente o dr. Costa Manso, que, por ter protelado demais seu concurso de docência livre, não conseguiu ser o substituto do Rodolfão.

6.ª série

O catedrático da 2.ª Clínica Médica tinha sido o prof. Álvaro de Lemos Torres, infelizmente falecido em janeiro de 1942, o que nos impediu de conhecê-lo melhor. Tivemos apenas umas duas aulas sobre rim no 4.º ano, por sinal pouco claras porque Lemos não tinha boa didática no curso teórico. Substituiu-o o prof. José Barbosa Correia, apelidado "Juca", que na enfermaria usava um gorro de pano para cobrir sua calvície. Tinha cultura geral e conhecia várias línguas. Seus assistentes Bernardino Tranchesi, Carlos de Oliveira Bastos e José Landolfo eram interessados nas demonstrações anatomoclínicas extraordinárias, realizadas pelo ainda doutorando Jorge Michalany.

Na Medicina Legal, o catedrático Antônio de Almeida Jr. era um professor de grande cultura humanística, mas a maior parte do curso foi dada pelo seu assistente, dr. Joaquim Vieira Filho, que nos levou a visitar a Penitenciária do Estado em Santana. Na cátedra de Ginecologia, cujo chefe era o professor José Medina, o curso foi em grande parte ministrado pelo dr. Scyla Mattos, exímio cirurgião e excelente didata.

A cátedra de Higiene estava a cargo do prof. Walter Leser, o qual ministrou um curso que sena regular se não fosse a tal da estatística. Aliás, eram poucos os colegas da nossa turma que apreciavam matemática a começar por um de nós, Michalany.

Alvaro Guimarães Filho, apelidado "Meninão", catedrático de Obstetrícia, tinha boa didática, mas por acumular o cargo de diretor da Escola não podia dedicar muito tempo ao ensino. Esse inconveniente foi compensado pela presença do dr. Domingos Delas-

a Turma da Escola Paulista

(1992)

cio, já naquela época famoso por seus conhecimentos em Obstetrícia e pela didática, mas tinha o hábito de trocar o L pelo R, por exemplo "vurva" em vez de vulva, "borsa" em vez de bolsa.

Na Pediatria as aulas eram principalmente de Puericultura e não de Clínica Pediátrica. Aliás, aprendíamos mais como tratar de crianças travessas e fazer mingaus do que diagnosticar enfermidades. O catedrático Pedro de Alcântara, por causa de sua reluzente calva, era apelidado "Piolin". Um dos assistentes foi o conceituado Renato Wolsky, vindo do Paraná.

O curso de Psiquiatria foi deficiente por falta de aulas práticas. Ademais, o catedrático Pacheco e Silva simbolizava o "Magister dixit", pois, sendo extremamente formal, nos constringia em fazer-lhe perguntas sobre a matéria. As aulas práticas eram dadas no edifício da Assistência aos Psicopatas, na avenida Brig. Luiz Antonio, onde tivemos a oportunidade de presenciar o tratamento pelo eletrochoque.

A cátedra de Oftalmologia era dirigida pelo prof. Moacyr Álvaro e auxiliado pelos drs. Renato Toledo e Manoel Antonio da Silva (Manezinho), este último, médico da 1.ª Turma da EPM. A Clínica funcionava na rua Condessa de S. Joaquim, na Liberdade. Moacyr Álvaro, homem muito elegante no trajar, viajava frequentemente para o Exterior, deixando a maioria das aulas a cargo dos assistentes.

A Clínica Ortopédica tinha por

catedrático o prof. Domingos Defina, sendo auxiliado pelo dr. Ivo Frascá. Curso pouco proveitoso por causa da escassez de doentes, tanto que as aulas práticas tinhamos no Pavilhão Fernandinho, da Santa Casa de São Paulo.

O curso de Otorrinolaringologia era dirigido pelo prof. Paulo Mangabeira Albernaz, que clinicava em Campinas e preocupava-se com a nomenclatura médica e com a terapêutica pelo bismuto nas amigdalites. Encarregava-se das aulas práticas o dr. Angelo Mazza, muito bom profissional.

Formatura

Deu-se a 17 de dezembro de 1942, com missa na Igreja de São Bento e cerimônia de colação de grau no Teatro Municipal. Foi nosso paraninfo o prof. Jairo de Almeida Ramos e o orador da turma o doutorando José Salvador Julianelli. O baile de formatura não se realizou por causa da entrada do Brasil na II Guerra Mundial. Nas vésperas da graduação fomos recepcionados no Instituto Pinheiros, Laboratório Fontoura e Laboratório Paulista de Biologia, onde tivemos a honra de sermos recebidos pelo renomado cientista Antonio Carini.

Receberam o diploma os seguintes doutorandos: Adolpho Gerd Becker (Becker), Alcides Del Ciello (Bólinha), Alfredo Larsson (Larsson), Antonio Edmundo Gonçalves (Gonçalves), Antonio Francisco Defina (Risadinha), Antonio Sergi (Totó), Armando Igná-

cio Zagordo (Duce), Carlos Alberto Salvatore (Salvatore), Constantino Mazza (Mazza), Edmundo Bittar (Bittar), Ezio Weingrill (Ezio), Francisco Credidio Netto (Credidio), Francisco M. Raposo de Almeida (Raposo), Gino Emilio R. Musetti (Gino), Godofredo Roberto Genofre (Genofre), Henrique Ambrosio Paraventi (Paraventi), Hisaco Watanabe (Maria), Hugo Cerello (Tché), João Salvador Di Mônaco (Mônaco), José Affonso Luzzi Jr. (Zé Briaco), José Luiz Flaquer Netto (Flaquer), José Salvador Julianelli (Julia), José Werneck de Alencar Lima (Werneck), Jorge Michalany (Micha), Lauro Cândido Teixeira (Lauro), Lilly de Souza (Lilly), Lourival Roselli (Roselli), Luiz Diniz Duarte (Rosa), Luiz Fontoura (Fontourinha), Manuel Tabacow Hidal (Hidal), Marcello Lourentino de Azevedo (Marcello), Mario Enzo A. Pasqualucci (Pascá), Mario De Nucci (Nucci), Mario Inglez de Souza (Mario Inglez), Mario José A. Pernambuco Filho (Pernambuco), Mauro Drummond Murgel (Murgel), Miguel De Maria (Migué), Miyao Kataoka (Kataoka), Newton de Toledo Ferraz (Newton), Octacílio Firmino Lopes (Sargento), Oswaldo Mario Basile (Basile), Oswaldo Sanz Duro (Duro), Oswaldo Thomas Whately (Vateli), Pavel Nunes (Pavé), Renato Pagano (Pagano), Renato Rodrigues de Araújo Cintra (Cintra), René Aloisi Sabbagh (René), Ruy Barbosa Saraiva (Ruy), Sylvio Rebello da Cunha (Rebello).

Ascendência dos Doutorandos

Os nomes dos 49 doutorandos eram o reflexo da corrente imigratória européia e oriental para São Paulo no início do século, tanto que havia apenas dezoito com nomes luso-brasileiros contra 31 estrangeiros, assim distribuídos: italianos, dezenove; árabes, três; alemão, dois; anglo-saxão, dois; japonês, dois; espanhol, um; suéco, um; israelita, um.

Especialidades

Os 49 colegas formados abraçaram as seguintes especialidades: Clínica Médica, 24; Cirurgia, seis; Ginecologia e Obstetrícia, cinco; Pediatria, três; Oftalmologia, dois; Anatomia Patológica, dois; Psiquiatria, dois; Urologia, um; Radiologia, um; Patologia Clínica, um; Radioterapia, um e Dermatologia, um.

Destino da Turma

A maioria dos colegas dedicou-se exclusivamente à atividade privada. Alguns como Michalany, Pasqualucci, Salvatore, Paraventi, Defina, Del Ciello e Raposo seguiram a carreira universitária, temporária ou definitiva na EPM. Houve alguns dedicados ao esporte, competindo na FUPE e PAULI-POLI, como Michalany (bola ao cesto), Pasqualucci e Del Ciello (futebol) René Sabbagh (tênis).

Além disso, a turma caracterizou-se também por seus dotes ar-

tísticos: Antonio Sergi, o Totó, regente de orquestra, Del Ciello e Salvatore, pianistas; e Michalany, cantor lírico. Até nas artes plásticas tivemos representantes: Zagordo, na pintura, e Salvatore, na fotografia.

Um dos melhores presidentes do Centro Acadêmico Pereira Barreto foi nosso colega Julianelli, que mais tarde seguiu a carreira política. O colega Octacílio era sargento do Exército; Genofre, Ruy e Nucci seguiram a carreira militar como médicos da FAB, e Pernambuco foi pracinha da FAB na II Guerra.

Epílogo

Dos 49 doutorandos da turma de 1942, a quinta, resta apenas a metade, todos no crepúsculo da vida, e aguardando o inexorável desfecho tão bem expresso na máxima de Claude Bérnard de que "La vie, c'est la mort".

Mas, felizmente, ainda resta aquele sentimento de recordação da nossa juventude e da nossa vida universitária na então chamada "Escolhinha", tão diferente da atual, sentimento esse contido numa pequena palavra, com apenas três sílabas, com apenas sete letras, uma palavra que se chama SAUDADE, a saudade que a velha Escola Paulista de Medicina nos deixou!

* Jorge Michalany é professor titular do jubulado de Anatomia Patológica e vice-diretor do Museu Histórico da Escola Paulista de Medicina.

O drama das vítimas de seqüestros e assaltos

* Edmundo Maia

Frente a traumas violentos, como acontece nos casos de seqüestros e assaltos à mão armada, qualquer pessoa desenvolverá sintomas físicos e mentais bastante desagradáveis. A vítima, que esteve dominada por assaltantes, sob ameaça de morte, numa resposta imediata poderá apresentar estados severos de ansiedade, desespero, inibições, bloqueios, depressão, sintomas psicossomáticos. Em decorrência do trauma terá, além da instabilidade emocional, sonhos, fantasias ou recordações terríveis que produzirão estados psíquicos angustiantes. Em suas reações normais ou anormais, automaticamente, buscará compreender o significado do incidente, ao mesmo tempo que tentará solucionar preocupações e conflitos existentes antes do trauma atual. São comuns a autocondenação e as crenças fantásticas sobre o significado do evento. Dependendo do seqüestro e da tortura imposta pelos bandidos, o processo de resolução e recuperação total da vítima

podrá demorar algum tempo, até meses e anos.

Estudiosos descrevem cinco características de respostas através das quais a vítima passa, incluindo processos de tristeza e depressão, desenvolvimento de novos modos de adaptação e estabelecimento de outros planos para o futuro.

Na fase de "choque", a vítima entra numa crise de medo e pânico (alarme agudo) e segue até um estado de perplexidade que a deixa bloqueada para assimilar o significado da experiência. Na fase seguinte, algumas vítimas poderão vivenciar uma "negação" do fato (por dias, semanas e meses), antes de se exteriorizarem as respostas emocionais, como amnésia, torpor, retraimento, sono alterado, alterações somáticas. Outras vítimas atravessam um período de recordação espontânea do trauma (fase "intrusiva"). Se retardada, esta fase poderá manifestar-se sob forma de respostas exageradas de alarme, pensamentos negativos, instabilidade emocional, sono irregular, pesadelos, grande ansiedade, medo de "fi-

car louco". Noutra fase, a de "elaboração do trauma", a vítima passa a examinar o significado do evento traumático e de outros fatos associados. Lamenta as perdas e eventuais ferimentos e faz considerações sobre novos planos para o futuro. Por fim, a vítima entrará na fase de "aceitação", quando reconhece o impacto do trauma sobre sua vida, manifesta planos esperanzosos (e com novos valores) para o futuro e reassume, mesmo com algumas dificuldades, o trabalho e suas atividades de lazer.

As reações patológicas ao trauma caracterizam-se por leque de sintomas. Uns são mais leves e suaves, e se resolvem em alguns dias ou em poucas semanas. Outros são mais severos e de resolução mais difícil e demorada. Nestes casos as vítimas apresentam respostas complexas, de mal adaptação à rotina anterior de vida, incluindo, retraimento, isolamento, estranhês, instabilidade emocional, tendência ao abuso de medicamento, quadros reativos de excitação ou depressão, estados dissociativos, podendo até desenvolver surtos psicóticos.

Problemas emocionais não resolvidos, quer já existentes, quer causados pelo evento atual, tendem a aumentar com o passar do tempo, se não forem tratados e equacionados corretamente. E quanto mais cedo, melhor. As vítimas de seqüestros e assaltos reagirão de maneira diferente, de acordo com o impacto do evento, duração e circunstâncias vividas sob pressão e ameaças de morte impostas pelos criminosos. Todos esses fatores agem e reagem sobre o equipamento heredoconstitucional individual. Em consequência, os sintomas manifestados vão caracterizar quadros de stress leve, moderado, intenso, muito intenso, ou estafa, estes dois últimos com maiores danos à saúde e podendo durar de seis meses a dois anos, para a total recuperação.

Todas as vítimas de seqüestros e assaltos, bem como os membros mais próximos da família, serão afetados e necessitarão de algum tipo de atendimento médico, psicológico, social e até religioso. Surpreendente é que algumas vítimas, quando livres do perigo, resistem

em aceitar o tratamento indicado, por uma insegurança, por um temor absurdo e por um pré-julgamento de que sairão, sozinho, da crise. Esta postura da vítima reflete um nível de regressão emocional e a presença de componentes masoquistas. Daí algumas manifestarem compaixão e até desejos de defender os seus malfetores. Entretanto, o mais comum é a vítima ficar tão abalada que necessitará submeter-se a tratamento clínico e psicológico, como sonoterapia ansiolítica, relaxante ou catártica, associada a sessões de hipnose para desensibilizar as vivências traumatizantes. Assim, em poucos dias ou semanas, o paciente se sentirá aliviado dos conflitos e do estado ansioso-depressivo, ficará livre dos sintomas desconfortáveis e estará preparado para sobrepujar a fase negativa que viveu e para reassumir as atividades sociais, familiares e profissionais do seu dia-a-dia.

* Edmundo Maia é professor titular de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas de Santos e diretor da Clínica Maia (São Paulo).

Ubirajara Barreto Dellape

(Crônica de muita tristeza)

* Duílio Crispim Farina

Ubirajara Barreto Dellape era componente da turma de 1947 da Faculdade de Medicina de São Paulo, a gloriosa Casa de Arnaldo. Nossa turma, excepcional pugilo de esculápios a contar entre eles Eros Abrantes Erhart, Manoel Munhoz, Jamil Salum, Toshiasu Fujioka, Carlos Zindel, Maria de Lourdes Salomão, Vírca Gonçalves de Oliveira, Silvio Sacramento, Hélio Buck, Renato Piza de Souza Carvalho, Ulisses de Andrade e Silva, Maurício Fang, Roble Teixeira de Aquino, Walter Eleutério Rodrigues, Osvaldo Martins Leal, Osvaldo Salzano, João Ângelo Abatayguara (herói da FEB), na citação somente de alguns que já partiram para a eternidade.

Ubirajara Dellape sempre foi membro distinto da grel desde os dias já longínquos da vida estudantil: Colégio Universitário, curso médico, pós-graduação, nas idênticas sendas da especialização amada, a Obstetrícia.

Filho de médico lendário em Piratininga doutora, da segunda turma, 1919, a exercer a profissão enquanto durou sua existência, com toda dedicação e altruísmo, lides de verdadeiro sacerdote no velho Brás, onde analteceu as práticas médicas em mais de meio século de atividades. Dirigiu nosocômio também fulcro de antigos dias do evolover dos bairros do Belém, Tatua-pé, Mooca, Penha, Gazômetro, a receberem as benesses de orientação integral de facultativo do antanho tempo.

Ubirajara, com seu outro mano médico, forjou-se na escola desse labor desde a mocidade. Seu maior anelo: ser médico capaz e desportista, na acepção maior do vocábulo. E o atingiu de forma destacada e meritória.

Já nos bancos acadêmicos distinguia-se como atleta polivalente e mais como mentor esportivo. No Centro Acadêmico Os-



valdo Cruz expressou núcleo unificador dos companheiros das várias modalidades da prática esportiva e com tal conceito grangeado foi eleito diretor de esportes em 1946, em chapa que tivemos o privilégio de ser o presidente do grêmio dos estudantes da Escola de Medicina do Araçá.

Congregava, somava esforços em dias difíceis, de estrepitosas competições como as Mac Meds, sempre com concorrentes de grande envergadura. Dias de nossos técnicos Sato, Douglas Michalany e de Feitiço, o invulgar futebolista. Competições em que nossos representantes eram os extraordinários Eduardo di Pietro, Pini, Gherardi, Primo Curti, Cavalheiro, Tanigaki, Almeida Belo, Escorel, Carlos Mesquita de Oliveira, Bernardino e João Tranches, Palmiro Rocha, Francisco de Paula Santos Abreu, Hernani Lotufo, Waldir Prudente de Toledo, Plínio de Souza Dias etc., etc., hoje mestres da Medicina, nomes expressivos na nossa rememoração saudosa.

Dellape elevava a bandeira verde e branca com metodologia, tranquilidade, calma, numa seqüência ascendente, mas fruto de sábia experiência, amplo descortino. Seguro, nada temperamental, com pleno equilíbrio emocional, dirigiu, assessorou e foi amigo, conselheiro nos caminhos da vida, prestigiando, aplaudindo, de-

monstrando querer bem, pleno de dignidade, certeza do cumprimento do dever.

Não era homem de pas-sarelas. Esquecia-se de si próprio, como a desconhecer os grandes atributos de sua personalidade, as fontes íntimas de seu ser que as devotava aos colegas, amigos e pacientes.

Em todos os momentos marcantes de nossa contínua porfia, pelos mesmos sonhos e ideais, Ubirajara lá estava presente a ouvir, aplaudir, incentivar, sem saber que os verdadeiros aplausos eram para a sua personalidade exemplar que mansamente passou pela seara dos esculápios neste Planalto de Piratininga, como expressão alta de homem e médico. Em ação silenciosa, mas expressiva, foi no dizer feliz de Flaminio Fávero, cavaleiro de um ideal samaritano, mas sem alardes, sem pompa, sem alvoroço. Os grandes, muito grandes, são desse porte e envergadura.

Esse discóbolo moderno, matriz-símbolo dos desportos na Casa de Arnaldo, criou-se e viveu em outro São Paulo romanesco e belo. Com as cenas esmaecidas pelas tintas do tempo e da saudade re-ve-mos o casarão familiar dos Dellapes à rua Conselheiro Brotero, com dona Lavínia, mãe e esposa amantíssima, o velho doutor Dellape (quase sempre no trato de sua imensa clientela,

onde recebiam os colegas e amigos dos filhos em momentos de lhanza e união, hospitalidade de uma Paulicéia perdida na memória do passado, hoje substituída pelas insídias do desamor implacável e injusto a se inserir na terra industriosa. Para onde te levam São Paulo as feras desalmadas? Tuas raízes não hão de permitir que saias do eterno caminho da benevolência e fraternidade que agasalham e acultuou os deserdados do amor, da desesperança, do flagelo da solidão.

Urge que as forças vivas de Piratininga acorram em defesa de nossas tradições mais altas: direito de justiça, de liberdade, direito de viver! Ubirajara Barreto Dellape, mártir dos novos tempos!

De forma diuturna, este sobrinho-neto do sábio Luís Pereira Barreto, mal nado o dia, no Clube Paulistano, com a eterna mocidade, entregava-se aos esportes: corrida, natação, tênis e ginástica.

Em plena maturidade apresentava o esplendor físico do decatleta, chegava ao trabalho médico em Cotia a conduzir sua motocicleta. Jornadear intenso e repetido, jequitibá, carvalho frondoso, mas a torpeza do mal derruba-o, pelo assalto, roubo, abate-o e caem com ele os princípios morais que regem o direito de exercício da profissão, o direito de locomoção, o direito de segurança de uma sociedade em declínio, em concordata, rumo à falência.

Tomba ereto Ubirajara Barreto Dellape, com o protesto unísono dos colegas e companheiros que o conheceram e muito o admiraram. Ubirajara, sempiterna presença.

* Duílio Crispim Farina é presidente da Academia Paulista de História, membro da Academia Paulista de Letras (em sucessão a Menotti del Picchia) e dos Institutos Históricos de São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina.

Coluna do livro

Encerraram-se as inscrições para o Primeiro Concurso de Pintura da Associação Paulista de Medicina e Banco Real. O número final de inscritos foi de 344 quadros. Para compor a Comissão Julgadora foram convidadas várias personalidades de notório saber, nas áreas das artes, letras e ciências. As obras selecionadas ficarão expostas na sede do Banco Real, à avenida Paulista, em frente à Fiesp, de 15 a 26 de março. No dia 15, no local da exposição, haverá solenidade de distribuição de prêmios e abertura oficial da mostra, com coquetel de confraternização. As obras poderão ser comercializadas pelos artistas e interessados, sem a participação do Banco e da APM. Todos os sócios da entidade estão convidados para o evento artístico-cultural.

...

No dia 25 de janeiro passado, data magna da fundação de São Paulo, em sessão solene, foi empossada a nova diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, para os anos de 1993-1998. O novo presidente é Hernani Donato, mestre da história e da cultura nacional. O primeiro vice-presidente é Duílio Crispim Farina, médico, humanista, escritor e historiador. Completam a diretoria J. Pereira, 2.º vice-presidente; e Odilon Nogueira de Matos, 3.º vice-presidente.

...

O professor Irany Novah Moraes está fazendo ampla pesquisa sobre seguro médico. Entende, e com toda a razão, que a mídia tem criado clima de intranquilidade entre os médicos e pacientes, fazendo generalização de casos isolados de erro médico. Admite que seja um preparo de ambiente para a implantação do seguro médico, com a finalidade de ressarcir os danos decorrentes de tais erros. E, dessa forma, vem fazendo amplo levantamento da matéria, solicitando aos colegas que opinem sobre a questão.

Quem quiser colaborar com a pesquisa do prof. Irany, deve escrever para a rua Estados Unidos, 1.732, CEP 01427-002, São Paulo-SP., apontando cinco vantagens e cinco desvantagens para o caso de indenização de vítima de erro médico.

...

Abraão Grimberg e Bertha Grimberg lançaram interessante livro: "Sogras e noras, aprendendo a conviver", ed. Rosa dos Tempos. A obra trata dos múltiplos aspectos que envolvem o relacionamento entre filhos e os respectivos pais de seus cônjuges. Inédito no gênero, é o resultado de quatro anos de pesquisas. Os autores elaboraram e distribuíram questionários para centenas de mulheres de diversas idades e de classes sociais distintas. Interpretaram os resultados à luz da sabedoria que adquiriram através de muitos anos de experiência como psiquiatras. Ambos os autores são formados pela Faculdade de Medicina da USP e dedicam-se à psicoterapia individual e de grupo, já tendo exercido o magistério. O livro narra casos verídicos e dá sugestões para o bom relacionamento.

G.A.P.